



CENTRO UNIVERSITÁRIO VALE DO SALGADO  
BACHARELADO EM PSICOLOGIA

ISRAEL TEIXEIRA CABRAL

**FATORES DE RISCO E DE PROTEÇÃO PARA O TRANSTORNO DE ANSIEDADE  
GENERALIZADA (TAG) EM ADOLESCENTES EM VULNERABILIDADE  
SOCIAL: uma revisão de literatura**

Icó – CE  
2024

ISRAEL TEIXEIRA CABRAL

**FATORES DE RISCO E DE PROTEÇÃO PARA O TRANSTORNO DE ANSIEDADE  
GENERALIZADA (TAG) EM ADOLESCENTES EM VULNERABILIDADE  
SOCIAL: uma revisão de literatura**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Curso de Bacharelado em Psicologia, pelo Centro Universitário Vale do Salgado (UNIVS), como requisito para obtenção de qualificação e de aprovação na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso TCC II, sob a orientação do(a) Professor(a) M.<sup>a</sup> Samara Rocha Magalhães Diógenes.

ISRAEL TEIXEIRA CABRAL

**FATORES DE RISCO E DE PROTEÇÃO PARA O TRANSTORNO DE ANSIEDADE  
GENERALIZADA (TAG) EM ADOLESCENTES EM VULNERABILIDADE  
SOCIAL: uma revisão de literatura**

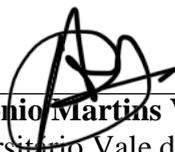
Pesquisa aprovada em 02 / 12 /2024, como requisito para a aprovação na disciplina de TCC II, do Curso de Bacharelado em Psicologia do Centro Universitário Vale do Salgado.

**BANCA EXAMINADORA:**



---

**Prof<sup>a</sup> M.<sup>a</sup> Samara Rocha Magalhães Diógenes.**  
Centro Universitário Vale do Salgado – UNIVS  
*Orientador(a)*



---

**Prof<sup>o</sup> Esp. Antônio Martins Vieira e Silva Junior**  
Centro Universitário Vale do Salgado – UNIVS  
*1<sup>o</sup> Avaliador(a)*



---

**Prof<sup>a</sup> M.<sup>a</sup> Sandra Mary Duarte**  
Centro Universitário Vale do Salgado – UNIVS  
*2<sup>a</sup> Avaliador(a)*

**FATORES DE RISCO E DE PROTEÇÃO PARA O TRANSTORNO DE ANSIEDADE  
GENERALIZADA (TAG) EM ADOLESCENTES EM VULNERABILIDADE  
SOCIAL: uma revisão de literatura**

**Israel Teixeira Cabral<sup>1</sup>  
Samara Rocha Magalhães Diógenes<sup>2</sup>**

**RESUMO**

Esta pesquisa teve como objetivo identificar os fatores de risco e proteção ao Transtorno de Ansiedade Generalizada (TAG) em adolescentes em situação de vulnerabilidade social. Por meio de uma revisão narrativa da literatura, são analisados os aspectos familiares, sociais e econômicos que influenciam o desenvolvimento e a manifestação do TAG. Considerando a adolescência como uma fase especialmente crítica para a saúde mental, o estudo identifica como condições socioeconômicas precárias, exposição à violência e instabilidade familiar podem agravar os sintomas de TAG em adolescentes vulneráveis. Em contrapartida, a presença de fatores de proteção, como redes de apoio sólidas, políticas públicas de suporte e acesso a recursos de saúde mental, mostra-se essencial para minimizar os impactos das adversidades e fortalecer a resiliência dos jovens. As considerações finais enfatizam a importância de políticas públicas integradas, que promovam ambientes acolhedores e seguros para adolescentes em situação de risco, evidenciando, portanto, a necessidade de intervenções que considerem os determinantes sociais, tanto na prevenção quanto no tratamento do TAG e de outros transtornos mentais.

**Palavras-chave:** Transtorno de Ansiedade Generalizada. Vulnerabilidade Social. Adolescência. Fatores de Risco. Fatores de Proteção. Saúde Mental.

**ABSTRACT**

This study aimed to identify risk and protective factors for Generalized Anxiety Disorder (GAD) in adolescents in situations of social vulnerability. Through a narrative review of the literature, the family, social, and economic aspects that influence the development and manifestation of GAD are analyzed. Considering adolescence as a particularly critical phase for mental health, the study identifies how precarious socioeconomic conditions, exposure to violence, and family instability can aggravate GAD symptoms in vulnerable adolescents. In contrast, the presence of protective factors, such as solid support networks, public support policies, and access to mental health resources, is essential to minimize the impacts of adversity and strengthen the resilience of young people. The final considerations emphasize the importance of integrated public policies that promote welcoming and safe environments for adolescents at risk, thus highlighting the need for interventions that consider social determinants, both in the prevention and treatment of GAD and other mental disorders.

**Keywords:** Generalized Anxiety Disorder. Social Vulnerability. Adolescence. Risk Factors. Protective Factors. Mental Health.

---

<sup>1</sup> Graduando em Psicologia pelo Centro Universitário Vale do Salgado - UNIVS. E-mail: israelcabral152014@gmail.com

<sup>2</sup> Professora da Graduação e orientadora pelo Centro Universitário Vale do Salgado - UNIVS. E-mail: samaramagalhaes@univs.edu.br

## 1 INTRODUÇÃO

A ansiedade é um fenômeno complexo e multifacetado que tem sido objeto de estudo em diversas áreas da psicologia e da saúde mental. De acordo com Lenhardtk e Calvetti (2017) há dois tipos de ansiedade: a caracterizada por não causar prejuízos, conhecida como “ansiedade natural” e a “ansiedade patológica”, que gera sofrimentos não somente para a pessoa, como para quem convive com ela. Quando a ansiedade se torna excessiva e persistente, pode evoluir para um Transtorno de Ansiedade Generalizada (TAG), afetando significativamente a qualidade de vida dos indivíduos (Lenhardtk & Calvetti, 2017).

Segundo o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais 5.<sup>a</sup> edição DSM-V-TR (2023), o TAG é caracterizado por preocupação excessiva e apreensão em relação a diversas atividades ou eventos, presentes na maioria dos dias por pelo menos seis meses (*American Psychiatric Association, 2023*). Os sintomas incluem inquietação, fadiga, irritabilidade, dificuldade de concentração, tensão muscular e perturbação do sono (*American Psychiatric Association, 2014*). De acordo com Orellana et al. (2020) o TAG trata-se de um dos transtornos mais comuns entre adolescentes, em especial, entre jovens do sexo feminino, segundo este estudo realizado no Brasil, os resultados afirmaram que as taxas de ocorrência do transtorno de ansiedade são entre 3,5% a 11,6% sobre este grupo. Outra questão que está relacionada nessa fase da adolescência juntamente com o TAG, é o aumento da gravidade dos sintomas, assim como prejuízos sociais, como isolamento social, dificuldade de concentração, baixa autoestima, fobia social e risco de depressão, além de ter uma piora significativa na resposta ao tratamento. (McLellan e Hudson, 2017).

A adolescência trata-se de um período de transição entre a infância e a vida adulta, além de ser marcada pelas mudanças físicas há também alterações psicológicas e sociais significativas. Segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), a adolescência compreende a faixa etária de 12 a 18 anos, caracterizando-se pela busca por identidade, autonomia e fortalecimento de vínculos sociais (Brasil, 1990). Sendo uma fase marcada pelo seu desenvolvimento de identidade, autonomia e formação de relações interpessoais (Steinberg, 2022). Seu desenvolvimento social, nesse período, é caracterizado pela busca por independência e exploração de diferentes identidades e papéis. É uma fase de extrema importância para estabelecer sua identidade própria e desenvolver suas habilidades sociais que serão necessárias para a vida adulta (Blakemore, 2020).

Em um contexto de vulnerabilidade social, que é uma condição em que as pessoas estão expostas a riscos devido fatores como pobreza, exclusão social e desigualdade o que

limita suas oportunidades de desenvolvimento (Jovchelovitch & Hernández, 2019), o jovem que está exposto a condições de pobreza, violência, exclusão social ou negligência, são fatores que podem impactar profundamente seu bem-estar psicológico, criando um cenário propício para o desenvolvimento de transtornos mentais, como ansiedade, depressão e comportamentos de risco (Baptista e Campos, 2021).

Adolescentes em vulnerabilidade social frequentemente enfrentam múltiplas adversidades, como a falta de acesso a serviços de saúde adequados, convivência em ambientes familiares desestruturados, e a pressão para lidar com responsabilidades precoces. Esses fatores podem levar ao sentimento de desamparo e desesperança, fatores chave para o aparecimento de transtornos como o Transtorno de Ansiedade Generalizada (TAG). Além disso, a exposição contínua a estressores sociais e ambientais pode dificultar a construção de uma identidade positiva, afetando a autoestima e a autoconfiança, essenciais para o desenvolvimento psicológico saudável (Patel & Ramaswamy, 2021).

A vulnerabilidade social não é apenas uma condição de carência material, mas também uma construção psicossocial que influencia diretamente os mecanismos de enfrentamento e adaptação dos adolescentes. Esses jovens podem, por exemplo, ter menos acesso a informações sobre saúde mental, dificuldades para procurar ajuda devido ao estigma ou à falta de redes de apoio, e são frequentemente marginalizados pela sociedade. Isso resulta em um ciclo de exclusão que agrava ainda mais a sua saúde mental, perpetuando a vulnerabilidade. Em síntese, a vulnerabilidade social nos adolescentes não afeta apenas suas condições de vida imediatas, mas também pode comprometer a saúde mental, criando desafios para a construção de um futuro saudável e equilibrado (Tourinho, 2020).

Diante do que foi exposto, esse trabalho tem como objetivo analisar através de uma revisão narrativa da literatura, os fatores de risco e proteção associados ao TAG em adolescentes com vulnerabilidade social. Considerando estudos de caracterização, intervenção, prevalência e relatos de experiência. Mais especificamente apresentando a adolescência como uma fase crítica de desenvolvimento, destacando as características e desafios psicológicos que tornam essa etapa suscetível ao Transtorno de Ansiedade Generalizada (TAG), assim como contextualizar a vulnerabilidade social na saúde mental de adolescentes. Além de apresentar os principais fatores de risco associados ao TAG em adolescentes que enfrentam vulnerabilidade social e como esses fatores contribuem para o surgimento e a perpetuação do transtorno.

Essa pesquisa teve como pergunta norteadora, quais são os fatores de risco e proteção ao Transtorno de Ansiedade Generalizada (TAG) em adolescentes em situação de

vulnerabilidade social? A relevância desse tema reside na alta prevalência da ansiedade generalizada entre adolescentes, especialmente aqueles em situação de vulnerabilidade social, ou seja, que enfrentam condições adversas, como a pobreza, a exposição à violência, e a falta de acesso a serviços de saúde e educação. Nesta pesquisa apresenta-se uma visão mais ampla sobre como a literatura científica aborda os fatores de risco e proteção do TAG em adolescentes em situação de vulnerabilidade social, contribuindo para aprimorar o cuidado e o suporte a essa população.

## **2 REFERENCIAL TEÓRICO**

### **2.1 ADOLESCÊNCIA**

A adolescência é uma fase crucial do desenvolvimento humano, marcada por grandes mudanças físicas, sociais e emocionais. De acordo com Erikson (1968), essa fase pode ser descrita como um período de crise de identidade, pois o jovem busca entender quem é e qual o seu lugar no mundo. Tal processo de formação de identidade é caracterizado por conflitos entre as expectativas sociais e a identidade individual, o que leva a uma exploração de diferentes papéis e ideologias (Erikson, 1968).

Ainda no final do século XIX e início do século XX, ocorreu uma crescente demanda por maior qualificação dos trabalhadores, o que exigiu que eles dedicassem mais tempo à capacitação e, conseqüentemente, adiassem o início da vida reprodutiva. Esses fatores contribuíram para o estabelecimento de um período de aprendizado e preparação para o futuro, criando uma lacuna entre a infância e a vida adulta. Essa lacuna, inicialmente ocupada pela ideia de juventude, foi posteriormente definida e consolidada como o conceito de adolescência, marcando uma nova etapa no desenvolvimento humano, caracterizada pela transição entre a dependência infantil e a independência adulta (Berni & Roso, 2014).

Desse modo, compreende-se que as características da adolescência foram inicialmente moldadas para atender a interesses sociais e políticos da época, sobretudo com o objetivo de se adequar às demandas de um novo mercado econômico. Ao difundir essas características para a sociedade em geral, novas representações sociais sobre a adolescência foram criadas. Assim, a adolescência pode ser vista como uma construção social, histórica e cultural, que emergiu e foi institucionalizada em resposta às necessidades da sociedade industrial moderna (Berni & Roso, 2014).

Segundo Grossman (2010), a partir do século XX, a adolescência passou a ser entendida não apenas como uma fase de transição, mas como um período com um estatuto legal e social específico, ganhando maior relevância e atenção por parte dos pesquisadores. Nesse contexto, a adolescência começou a ser percebida como uma etapa crítica do desenvolvimento humano, devido às complexas mudanças físicas, emocionais e sociais que ocorrem nesse período. Essa fase demanda intervenções específicas e compreensão aprofundada, uma vez que as transformações que ocorrem podem ter implicações significativas para a formação da identidade e o ajuste social.

Outro aspecto relevante nessa fase do desenvolvimento humano é a parte neurológica. Steinberg (2014) ressalta a importância das mudanças cerebrais no adolescente, nessa fase tal órgão é marcado por uma plasticidade cerebral aumentada, o que torna os jovens mais suscetíveis ao ambiente e suas influências, tanto positivas como negativas. As mudanças ocorridas no córtex pré-frontal estão ligadas a uma maior propensão ao risco e busca por recompensas, além de uma sensibilidade maior para as interações sociais. Para Blakemore (2020) o cérebro tem um papel de destaque na questão social dos adolescentes, principalmente em relação a adaptação às mudanças e demandas sociais, enfatizando que as interações sociais durante este período são essenciais para a formação da identidade e bem-estar emocional.

Arnett (2015), por sua vez, nos apresenta o conceito de "adulescência emergente" (*emerging adulthood*), que se trata de uma fase de transição prolongada para a vida adulta e que se torna cada vez mais comum entre sociedades contemporâneas. Esse conceito sugere que, além das questões da identidade, os jovens enfrentam desafios como a autossuficiência e a busca por estabilidade emocional e financeira.

Para a Organização Mundial de Saúde (OMS), a adolescência é definida como um processo fundamentalmente biológico, durante o qual se aceleraria o desenvolvimento cognitivo e a estruturação da personalidade. Abrange as idades de 10 a 19 anos, divididas nas etapas de pré-adolescência (dos 10 aos 14 anos) e de adolescência propriamente dita (de 15 a 19 anos). Uma fase da vida marcada também por aspectos sociológicos, que indicaria o processo de preparação para os indivíduos assumirem o papel de adulto na sociedade, tanto no plano familiar quanto no profissional (OMS, 2015).

## 2.2 ANSIEDADE E TRANSTORNO DE ANSIEDADE GENERALIZADA (TAG)

A ansiedade é descrita como uma sensação vaga e desagradável de medo e apreensão, caracterizada por tensão ou desconforto decorrente da antecipação de perigo, de algo desconhecido ou estranho (Castillo *et al.*, 2000). Nesse sentido, a ansiedade pode ser descrita como um sentimento intenso de medo e de preocupação, acompanhada por uma mente agitada e dispersa, caracterizada por pensamentos confusos ou excessivos e uma pressa constante para lidar com várias tarefas. Esse estado é comum em momentos de grande excitação do sistema nervoso central, levando a uma interpretação angustiante das situações e sendo um sintoma proeminente de problemas psicológicos (Lopes e Santos, 2018).

A ansiedade e o medo são considerados como condições patológicas quando são intensificados, desproporcionais ao estímulo percebido, ou diferentes qualitativamente do padrão observado na faixa etária correspondente, e quando afetam negativamente a qualidade de vida, o bem-estar emocional ou o funcionamento cotidiano do indivíduo (Castillo *et al.*, 2000). De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS) (2019) na Classificação Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde (CID-11) define ansiedade como um estado de apreensão ou antecipação de perigos ou eventos desfavoráveis futuros, sendo acompanhados pelo sentimento de preocupação, desconforto, assim como também de sintomas somáticos de tensão. Por tanto, considera-se ansiedade patológica quando desencadeia sofrimento e prejuízos funcionais importantes ou interfere substancialmente na capacidade funcional do indivíduo (Frota *et al.*, 2022). Os transtornos de ansiedade são distúrbios clínicos em que os sintomas ansiosos são dominantes e não são secundários a outras condições psiquiátricas, como depressão, psicose, transtornos do desenvolvimento ou Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) e outros (Castillo *et al.*, 2000).

Pesquisa realizada por Thiengo *et al.*, (2014) revela que a prevalência do transtorno de ansiedade em adolescentes varia entre 3,3% e 32,3%, e os principais fatores relacionados a essa problemática incluem fatores biológicos, como gênero e predisposições genéticas, além de fatores ambientais. Entre os fatores ambientais, a violência comunitária e familiar se destaca, comprometendo a segurança e o desenvolvimento desses adolescentes. Ademais, problemas psicossociais, como a baixa autoestima, também foram associados ao transtorno (Thiengo *et al.*, 2014).

Outra pesquisa realizada por Castillo (2000) com adolescentes evidenciou uma alta prevalência de transtornos ansiosos, dos quais se destacam o transtorno de ansiedade de separação, afetando aproximadamente 4% da população mundial nessa faixa etária, o

transtorno de ansiedade generalizada (TAG), apresentando uma prevalência entre 2,7% e 4,6% e as fobias específicas têm uma taxa de ocorrência variando de 2,4% a 3,3%. Esses números mostram a significativa presença dos transtornos ansiosos nesse público (Castillo *et al.*, 2000).

O TAG é reconhecido por apresentar sintomas ansiosos persistentes que impactam uma ampla gama de comportamentos do sujeito em diversas situações do dia a dia. Estes sintomas podem variar ao longo da vida e englobam desde tensão motora, como tremores, dificuldade para relaxar, fadiga e dores de cabeça, até manifestações de hiperatividade, palpitações, sudorese, tonturas, ondas de calor e frio, falta de ar, irritabilidade e dificuldade de concentração. Além dos sintomas físicos, o TAG é marcado por alterações de humor e pela presença persistente de pensamentos e expectativas apreensivas, frequentemente associadas a pensamentos negativos (Lopes e Santos, 2018).

Os conteúdos mentais costumam estar relacionados a diversas atividades do cotidiano, como trabalho, estudo, planejamento de tarefas e situações repetitivas, podendo incluir também a impaciência em outros aspectos presentes da rotina diária. O diagnóstico de TAG exige que os sintomas ansiosos persistam na maior parte do tempo, por um período de pelo menos alguns meses. Essa persistência dos sintomas ao longo do tempo é fundamental para diferenciar o TAG da ansiedade habitual e normal (Frota *et al.*, 2022, Lopes e Santos, 2018).

O tratamento do Transtorno de Ansiedade Generalizada (TAG) envolve uma abordagem multifacetada que busca aliviar os sintomas de preocupação excessiva e tensão constantes, promovendo o bem-estar psicológico e funcional do indivíduo. As principais intervenções incluem terapias psicoterapêuticas, farmacológicas e mudanças no estilo de vida, as quais podem ser combinadas para atender às necessidades específicas de cada paciente (Araujo, 2020).

A psicoterapia, especialmente a Terapia Cognitivo-Comportamental (TCC), é amplamente recomendada como tratamento de primeira linha para o TAG. A TCC ajuda os pacientes a identificarem e modificar padrões de pensamento distorcidos e comportamentos que perpetuam a ansiedade. Técnicas como a reestruturação cognitiva e a prática de exposição gradual às situações que geram preocupação são utilizadas para reduzir a intensidade dos sintomas. O tratamento farmacológico também desempenha um papel importante, especialmente em casos moderados a graves. Medicamentos como os inibidores seletivos da recaptação de serotonina (ISRS), como a sertralina e a escitalopram, e os inibidores da recaptação de serotonina e noradrenalina (IRSN), como a venlafaxina, são frequentemente

prescritos. Ansiolíticos, como benzodiazepínicos, podem ser usados a curto prazo, mas são evitados para uso prolongado devido ao risco de dependência (Moura *et al.*, 2018).

Mudanças no estilo de vida, como a prática regular de exercícios físicos, técnicas de relaxamento, meditação e a adoção de uma alimentação equilibrada, complementam o tratamento. Essas práticas auxiliam na redução do estresse e na promoção de um estado emocional mais estável. Por fim, é essencial que o tratamento seja personalizado e monitorado por profissionais de saúde, permitindo ajustes conforme necessário. A combinação de intervenções psicoterapêuticas, farmacológicas e hábitos saudáveis contribui para o manejo efetivo do TAG, ajudando os pacientes a terem uma qualidade de vida e uma funcionalidade diária (Araujo, 2020).

### 2.3 VULNERABILIDADE SOCIAL

A vulnerabilidade social refere-se à condição de fragilidade em que indivíduos ou grupos se encontram devido a fatores socioeconômicos, culturais e ambientais. De acordo com Sen (2000), a vulnerabilidade social é definida como a exposição de indivíduos ou grupos a situações de risco que podem prejudicar seu desenvolvimento e bem-estar. A vulnerabilidade social está profundamente ligada à capacidade de uma pessoa de transformar os recursos que possui em uma vida digna e satisfatória. Para ele, a vulnerabilidade social não se limita apenas à falta de recursos materiais, mas também à falta de acesso a oportunidades e direitos fundamentais (Sen, 2000).

Pedersen e Silva (2013) destacam que a vulnerabilidade social tem sido amplamente utilizada para descrever um segmento crescente da população que se encontra em desvantagem em relação a outros grupos. Essa vulnerabilidade abrange tanto indivíduos desempregados quanto aqueles que enfrentam condições precárias de emprego e dificuldades na geração de renda, o que os coloca em uma posição desfavorável dentro da estrutura socioeconômica.

De acordo com o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (2018) o conceito de vulnerabilidade social tem se tornado mais comum, visto que à medida que se reconhece que a pobreza, por si só, não é o suficiente para explicar as complexas situações de vida e de sofrimento social enfrentadas por muitas pessoas, não só no Brasil, mas como também em todo o mundo. Entende-se que o bem-estar e a qualidade de vida não dependem somente da renda, mas também de outros fatores, como a disponibilidade de serviços públicos, além da qualidade do ambiente e os níveis de liberdade individual e política. Sendo assim, o simples

fato de uma pessoa ter uma baixa renda não explica sua situação de vulnerabilidade, pois existem outros aspectos da vida como acesso à educação de qualidade, saúde, segurança e liberdade, fatores que também são determinantes essenciais para uma qualidade de vida.

Ao observar a adolescência sob o prisma da vulnerabilidade social, percebe-se que os desafios típicos dessa fase podem ser exacerbados pelas condições socioeconômicas desfavoráveis. Adolescentes em situação de vulnerabilidade enfrentam barreiras adicionais como a falta de oportunidades e a ausência da garantia de direitos fundamentais que afetam negativamente seu desenvolvimento emocional, educacional e social (Rutter, 1987). Exigências externas, como a necessidade de contribuir financeiramente para a família, a exposição à violência e a falta de suporte educacional, podem intensificar a crise de identidade descrita por Erik Erikson (1968). Segundo sua teoria do desenvolvimento psicossocial, a adolescência é o estágio em que o indivíduo busca formar uma identidade coesa e estável. No entanto, em contextos de vulnerabilidade social, essa tarefa pode se tornar ainda mais difícil, comprometendo a construção de uma identidade sólida e afetando o desenvolvimento saudável do jovem (Rutter, 1987).

A teoria do desenvolvimento psicossocial de Erik Erikson enfatiza a importância das interações sociais durante a adolescência, destacando que os relacionamentos com instituições, família e pares são cruciais para o desenvolvimento da identidade. Nesse período, os adolescentes buscam aceitação e validação pelos outros, enquanto testam e redefinem seus valores e crenças. Esse processo é essencial para um desenvolvimento saudável e bem-sucedido na vida adulta (Erikson, 1968).

Segundo Silva e Santos (2016) adolescentes em situação de vulnerabilidade social têm uma maior predisposição para desenvolver problemas de saúde mental, como ansiedade e depressão, devido à exposição a contextos adversos que exacerbam o estresse e a incerteza. Além disso, a falta de acesso a recursos educacionais e oportunidades de desenvolvimento pessoal agrava a suscetibilidade a comportamentos de risco, como o uso de substâncias e comportamentos delinquentes, o que contribui para a perpetuação de um ciclo de exclusão social e limitações econômicas.

Para Teixeira (2019) a situação de vulnerabilidade social também pode vir a ser como um fator de resiliência para os jovens, principalmente sobre os aspectos de motivação onde sentem-se mais capazes de buscar recursos internos e externos, o que contribui para a construção da esperança os possibilitando identificar possíveis soluções para solucionar ou conviver com as dificuldades que nem sempre podem ser resolvidas de forma imediata. No pensamento crítico pode desenvolver a capacidade de observar a realidade social e seus

obstáculos realizando ações e intenções para superá-los, da mesma forma analisando seus comportamentos positivos e negativos. O que permite também desenvolver o pensamento criativo, considerando novas ideias e pontos de vista, assim como a boa capacidade intuitiva e imaginativa (Teixeira, 2019).

Em síntese, embora a vulnerabilidade social exponha adolescentes a riscos significativos para a saúde mental, também pode funcionar como um terreno fértil para o desenvolvimento de resiliência e habilidades adaptativas. Esse paradoxo ressalta a importância de intervenções que não apenas diminuam os impactos negativos das adversidades, mas também potencializem os recursos internos e externos dos jovens (Silva e Santos, 2016; Teixeira, 2019).

Dessa forma, percebe-se que a vulnerabilidade social na adolescência exerce uma influência significativa sobre o desenvolvimento emocional e psicossocial desses jovens. Essa condição adversa, caracterizada pela limitação de acesso a recursos e oportunidades, afeta diretamente aspectos fundamentais como a autoestima, a identidade e a capacidade de enfrentamento. No entanto, a literatura aponta que, além dos desafios, a exposição a situações de vulnerabilidade também pode abrir espaço para o fortalecimento da resiliência e do empoderamento, quando esses jovens recebem apoio adequado e desenvolvem habilidades de enfrentamento. Nesse contexto, a construção de uma identidade coesa pode emergir como uma resposta à adversidade, permitindo que os adolescentes criem uma visão positiva de si mesmos e encontrem formas construtivas de lidar com as dificuldades (Pérez, 2020; Cavalcante, 2021; Silva, 2020; Silva, 2020).

### **3 METODOLOGIA**

A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, que se caracteriza por buscar uma compreensão mais profunda dos fenômenos sociais e humanos, focando no significado e nas experiências subjetivas, e levando em consideração os contextos nos quais esses fenômenos ocorrem. Seu objetivo é captar as complexidades e as riquezas das interações sociais por meio de métodos como observações e análise de documentos (Cardoso et al., 2021). Trata-se de uma pesquisa exploratória, cujo principal intuito é investigar um tema, fenômeno ou problema, com o propósito de ampliar o conhecimento sobre a questão em análise (Martins et al., 2022).

Esta é uma revisão narrativa da literatura, uma ferramenta que visa integrar e articular o estado da arte sobre um determinado tema (Iser et al., 2020). Esse tipo de revisão descreve e discute o tema sob uma perspectiva teórica ou contextual, com o objetivo de analisar

criticamente a literatura publicada em livros, artigos de revistas impressas e/ou eletrônicas (Rother, 2007). A revisão narrativa oferece uma síntese narrativa, avaliando achados e teorias em uma área específica do conhecimento, sem recorrer a procedimentos sistemáticos de análise (Vosgerau e Romanowski, 2014).

A pesquisa foi conduzida entre março a setembro de 2024, abrangendo artigos científicos e livros disponíveis. Foram estabelecidos critérios específicos de inclusão, como publicações em português, inglês e espanhol entre 2014 e 2024, com foco em pesquisas empíricas que abordam o Transtorno de Ansiedade Generalizada (TAG) em adolescentes em situação de vulnerabilidade social e artigos completos. Como critérios de exclusão foram definidos que artigos de revisão de literatura e resumo simples, não contemplaram a pesquisa. No final da busca, a exploração gerou um total de 33 artigos, dos quais 19 foram selecionados para análise detalhada, com base na relevância do conteúdo para os objetivos propostos e na qualidade metodológica dos estudos. Após a análise dos artigos selecionados, a literatura foi organizada em três categorias principais que são: (1) Adolescência como fase crítica de desenvolvimento e a suscetibilidade ao TAG; (2) Vulnerabilidade social e saúde mental de adolescentes e (3) Fatores de risco e proteção para o TAG em adolescentes em vulnerabilidade social que orientam a revisão narrativa, uma vez que, a revisão narrativa não utiliza critérios sistemáticos para a análise crítica da literatura.

O planejamento para realizar a pesquisa se deu como referência à seguinte pergunta norteadora: quais são os fatores de risco e proteção ao Transtorno de Ansiedade Generalizada (TAG) em adolescentes em situação de vulnerabilidade social? Para responder a essa pergunta foi realizada uma pesquisa em bases de dados como Scielo e PsycInfo. Para rastreamento dos artigos foi utilizado o operador *booleano* “and” com os seguintes descritores: “adolescência” AND “vulnerabilidade social” AND “transtorno de ansiedade generalizada” e o operador *booleano* “or”, com os seguintes descritores: “adolescência OR adolescente”, “ansiedade OR transtorno de ansiedade”. Além disso, a pesquisa se atém a princípios éticos rigorosos, apesar de não envolver coleta de dados primários de adolescentes ou experimentação. A integridade acadêmica é mantida por meio de citações apropriadas e uma análise imparcial dos dados, garantindo que o estudo reflita uma compreensão equilibrada dos tópicos investigados. Esta abordagem metodológica não apenas fornece um caminho claro para a condução da pesquisa, mas também facilita a avaliação da robustez e validade das conclusões por parte dos leitores.

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

### 1. ADOLESCÊNCIA COMO FASE CRÍTICA DE DESENVOLVIMENTO E A SUSCETIBILIDADE AO TAG

O complexo processo de desenvolvimento humano torna a adolescência um período especialmente vulnerável para o surgimento de problemas de saúde mental. Segundo o relatório da Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS) em parceria com a Organização Mundial da Saúde (OMS), intitulado *Prevención de la Conducta Suicida*, o suicídio é atualmente a terceira principal causa de morte entre adolescentes em 15 países das Américas e a segunda causa mais comum em âmbito mundial (Rossi *et al.*, 2019). Esse dado reforça a necessidade de uma compreensão aprofundada das particularidades dessa fase e de estratégias de intervenção que promovam o bem-estar mental dos jovens.

Durante essa fase ocorrem grandes mudanças neurológicas e hormonais no sujeito, principalmente em seu sistema límbico, como em termos emocionais causados pela produção de neurotransmissores que, em desequilíbrio, podem alterar seu humor. Tais mudanças internas e comportamentais atípicas vistas sobre os adolescentes são resultados de transformações que ocorrem em variadas regiões de seus cérebros. Sendo assim, se entende que por conta de fatores culturais, hormonais e a falta de maturação do cérebro nesse período, os adolescentes apresentam variáveis reações às situações estressoras às quais estão sujeitos em seus ambientes (Carbonario, 2018).

Percebe-se que adolescentes, em particular, enfrentam desafios únicos durante essa fase de transição do fim da infância para início da vida adulta. A adolescência é marcada por mudanças físicas, emocionais e sociais, e muitos jovens experimentam níveis elevados de ansiedade. Com isso, a vulnerabilidade social pode aumentar a suscetibilidade ao TAG, especialmente em adolescentes que enfrentam adversidades socioeconômicas, como falta de recursos, violência ou instabilidade familiar. (Essau & Col, 2014)

Adolescentes diagnosticados com TAG frequentemente demonstram um comportamento caracterizado por preocupações excessivas como desempenho acadêmico, social ou profissional o que acaba resultando em um estado constante de tensão e ansiedade, com bastante dificuldade para controlá-lo. Tal comportamento pode ser identificado como “responsável”, quando na verdade se trata de um distúrbio na saúde mental, que pode ser difícil de se identificar, pois a preocupação se estende para diversas áreas da vida, tais como segurança e eventos catastróficos (Sanarmed, 2024). Tais preocupações podem dificultar a identificação precoce do transtorno, uma vez que adultos muitas vezes interpretam essa ansiedade como um sinal de responsabilidade, confundindo-a com um comportamento

normativo e desejável. Além disso, indivíduos jovens com TAG podem apresentar preocupações desproporcionais como em relação a eventos considerados normais ou irrelevantes. Esses adolescentes podem apresentar sintomas como fadiga, dificuldade de concentração e tensão muscular, além de grande receio de situações cotidianas que não são correspondentes ao nível das preocupações geradas pela ansiedade (Varella, 2024).

A escolarização e as expectativas acadêmicas figuram como fontes significativas de estresse e ansiedade entre adolescentes, especialmente aqueles em situação de vulnerabilidade social. Durante essa fase marcada por intensas mudanças, a pressão para alcançar altos desempenhos acadêmicos e corresponder às expectativas de familiares e educadores pode intensificar as preocupações excessivas características do TAG. Para muitos jovens, o ambiente escolar, que deveria ser um espaço de aprendizado e desenvolvimento, pode se tornar um cenário de exigências irrealistas e medo do fracasso. Essas condições muitas vezes alimentam o perfeccionismo e o medo de julgamento, dificultando o equilíbrio emocional e agravando a ansiedade. Assim, é fundamental que as instituições educacionais adotem abordagens que promovam a saúde mental, fornecendo suporte psicológico, encorajando uma visão saudável do aprendizado e diminuindo a ênfase em métricas rígidas de desempenho. Dessa forma, é possível minimizar os efeitos do estresse acadêmico e criar um ambiente mais acolhedor e inclusivo. (Costa *et al.*, 2019).

Portanto, a adolescência, enquanto fase crítica do desenvolvimento, representa um período de profundas transformações físicas, emocionais e sociais que, somadas às pressões acadêmicas, expectativas familiares e adversidades socioeconômicas, aumentam a suscetibilidade ao Transtorno de Ansiedade Generalizada (TAG). As demandas e mudanças características dessa etapa da vida podem amplificar a vulnerabilidade dos jovens, que enfrentam desafios tanto internos quanto externos para lidar com as transições e incertezas próprias da idade. Desse modo, é imprescindível que intervenções preventivas e terapêuticas sejam direcionadas a essa população, considerando não apenas os fatores de risco, mas também as potencialidades individuais e o papel das redes de apoio, como a escola e a família, na construção de recursos emocionais para o enfrentamento da ansiedade e de suas consequências no longo prazo (Souza, 2019).

## 2. VULNERABILIDADE SOCIAL E SAÚDE MENTAL DE ADOLESCENTES

A vulnerabilidade social tem um impacto profundo no desenvolvimento de adolescentes, intensificando os desafios típicos dessa fase e ampliando as dificuldades relacionadas à formação da identidade e ao bem-estar emocional (Oliveira, 2020). Trata-se de

um contexto marcado por extrema desigualdade, onde as famílias enfrentam dificuldades para realizar tarefas básicas do cotidiano, como oferecer proteção e suporte aos seus membros mais frágeis e dependentes. Essa situação é caracterizada pelo acesso precário à renda, à educação e ao trabalho, fatores que comprometem toda a trajetória familiar e afetam, de forma ainda mais direta, os adolescentes (Souza *et al.*, 2019). Conforme apontado por Garcia e O'Neil (2021), essa condição pode exacerbar os sintomas do Transtorno de Ansiedade Generalizada (TAG), dificultando o manejo do transtorno e comprometendo o bem-estar emocional dos jovens. A formação da ansiedade nessa população resulta de uma interação complexa de fatores biológicos, psicológicos, sociais e ambientais, que, somados à vulnerabilidade social, criam um cenário de maior suscetibilidade e desafios para o enfrentamento do TAG (Oliveira, 2020; Souza *et al.*, 2019).

Segundo Oliveira (2020), a criação de redes de apoio comunitário e o fortalecimento de políticas inclusivas voltadas à juventude em situação de vulnerabilidade são essenciais para promover o desenvolvimento saudável desses indivíduos. Essas ações podem prevenir a perpetuação de ciclos de exclusão social e favorecer a inclusão plena na sociedade. A adolescência em um contexto de vulnerabilidade social pode resultar em diversas consequências negativas. Muitos jovens, devido à falta de garantia de direitos e oportunidades, acabam vivendo nas ruas ou se envolvendo em atividades ilegais, expondo-se a situações de risco para seu bem-estar físico e psicológico, além de comportamentos autodestrutivos, como o suicídio. A ausência de estratégias eficazes para lidar com os determinantes sociais aprofunda o sofrimento emocional dos adolescentes, que frequentemente enfrentam essas dificuldades de forma solitária, sem o suporte de uma rede familiar ou políticas públicas adequadas (Kinouti *et al.*, 2021).

A cultura de exclusão social que permeia a vida de adolescentes em situação de vulnerabilidade destaca a urgência de estratégias que promovam a inclusão e o acolhimento desses jovens. Nesse contexto, conforme apontado por Kinouti *et al.* (2021), é fundamental implementar fatores que facilitem o acesso a redes de apoio, permitindo que os adolescentes se sintam conectados e amparados. Essa conexão é essencial não apenas para fortalecer a saúde mental, mas também para reduzir a prevalência de transtornos mentais, uma vez que a ausência de vínculos e suporte amplifica o isolamento e o sofrimento emocional. Assim, práticas que promovam ambientes acolhedores, tanto em contextos familiares quanto institucionais, tornam-se indispensáveis para romper o ciclo de exclusão e oferecer aos adolescentes um espaço de pertencimento e suporte. Essas ações devem ser parte integrante das políticas públicas e programas sociais voltados para a juventude, consolidando uma

abordagem que valorize o desenvolvimento integral desses indivíduos e suas potencialidades (Tonin e Barbosa, 2017).

Percebe-se que a vulnerabilidade social exerce uma influência direta e multifacetada sobre a saúde mental dos adolescentes, potencializando os desafios típicos dessa fase e exacerbando condições como o Transtorno de Ansiedade Generalizada (TAG). A precariedade no acesso a recursos básicos, como educação, renda e trabalho, além da ausência de redes de apoio e políticas públicas efetivas, amplia a exposição dos jovens a riscos físicos, psicológicos e sociais, agravando o sofrimento emocional e limitando suas oportunidades de desenvolvimento saudável. Contudo, iniciativas que promovam políticas inclusivas, redes de apoio comunitário e estratégias para enfrentar os determinantes sociais podem reverter esse cenário. Essas ações são fundamentais para interromper ciclos de exclusão social e criar um ambiente que favoreça o bem-estar emocional e a inclusão plena dos adolescentes na sociedade, garantindo o suporte necessário para que possam superar as adversidades e alcançar seu potencial pleno (Gama *et al.*, 2014).

### 3. FATORES DE RISCO E PROTEÇÃO PARA O TAG EM ADOLESCENTES EM VULNERABILIDADE SOCIAL

Observa-se um aumento significativo no diagnóstico de Transtorno de Ansiedade Generalizada (TAG) entre adolescentes, cujos sintomas têm causado prejuízos expressivos no desempenho e desenvolvimento, gerando consequências negativas ao longo de suas vidas. Estudos apontam déficits cognitivos em áreas como memória, atenção, funções executivas e flexibilidade cognitiva em indivíduos com TAG, resultando em perdas relevantes no desempenho acadêmico de crianças e adolescentes. Considerando que a adolescência é uma etapa crucial para o desenvolvimento das funções executivas, os impactos do TAG nesse período podem comprometer habilidades fundamentais, como planejamento, tomada de decisões, flexibilidade cognitiva, controle inibitório e competências sociais (Gama *et al.*, 2014; Toassi e Carvalho, 2021; Tonin e Barbosa, 2017).

É necessário compreender os fatores de risco e proteção para o desenvolvimento de intervenções eficazes que visem minimizar o impacto da vulnerabilidade social sobre a saúde mental dos jovens. Os fatores de risco estão associados a eventos e características negativas da vida, cuja presença aumenta a probabilidade de surgirem problemas físicos, emocionais e sociais. Esses fatores tendem a aumentar a vulnerabilidade dos sujeitos diante de situações adversas, e cada pessoa pode reagir de forma diferente a esses estímulos. Portanto, não é apenas a existência desses fatores que determinam seu impacto na vida de alguém, mas

também a intensidade, a frequência e a maneira como são percebidos. Pode-se destacar como exemplos de fatores de risco: famílias disfuncionais, instabilidade econômica, experiências de violência física ou sexual, viver em comunidades violentas e condições de trabalho prejudiciais. Comportamentos de risco, como o uso de drogas, também podem ser considerados fatores de risco (Pereira, *et al.*, 2018).

Acontecimentos traumáticos podem ser considerados fatores de risco, pois são definitivos na formação da percepção de si próprio e na construção de uma identidade individual. Havendo uma correlação entre emoções negativas e sintomas traumáticos. Tendo como exemplos perda, doença crônica, separação dos pais, abuso sexual, rejeição ou bullying. Jovens do qual o sentimento de vergonha lhe trazem memórias traumáticas possuem níveis mais elevados de suscetibilidade a desenvolverem ansiedade e seus transtornos (Cunha *et al.*, 2017)

Os fatores de proteção desempenham um papel crucial para minimizar os riscos associados à vulnerabilidade social em adolescentes com ansiedade, promovendo recursos que ajudam esses jovens a enfrentarem eventos estressores de maneira mais eficaz, resultando em desfechos positivos diante das adversidades. A presença de fatores de proteção, como redes de suporte social, acesso a serviços de saúde mental, estabilidade familiar, envolvimento em atividades comunitárias, uma educação de qualidade, e a presença de modelos positivos, pode fortalecer a resiliência dos adolescentes e reduzir o impacto negativo dos fatores de risco (Pereira, *et al.*, 2018).

A prática de atividades de esporte e de lazer também são consideradas fatores de proteção. Se considerando que a maioria dos adolescentes não exercem atividades físicas diárias, principalmente os em vulnerabilidade social, o que se reflete em um fator de risco no desenvolvimento do transtorno. Quanto maior a exposição do jovem a certos fatores de risco, maior dano terá físico e mental (Marcino *et al.*, 2022). Pesquisa realizada com adolescentes em situação de vulnerabilidade social evidenciou que a prática esportiva e as atividades de lazer são identificadas como fatores de proteção que, além de promoverem o bem-estar psicológico, contribuem para a inclusão social e o fortalecimento de vínculos comunitários. A pesquisa também evidenciou a importância de ações intersetoriais e de abordagens interdisciplinares que integram ensino, pesquisa e extensão, proporcionando aos adolescentes experiências que ampliam seu repertório cultural, estimulam a autonomia e fortalecem habilidades psicossociais. Esses resultados reforçam a relevância de estratégias que vão além das intervenções clínicas, buscando criar ambientes acolhedores e inclusivos que favoreçam o desenvolvimento integral e a qualidade de vida dos jovens vulneráveis (Nobrega *et al.*, 2020).

Em contraste, a ausência de fatores de proteção, associada à presença de fatores de risco, reduz os recursos disponíveis, aumentando a probabilidade de desfechos negativos e a vulnerabilidade ao desenvolvimento de problemas psicossociais e comportamentos de risco, como a participação em atividades ilícitas. Essa condição de vulnerabilidade reforça a necessidade de intervenções voltadas à promoção de fatores de proteção, com o objetivo de garantir um desenvolvimento saudável e equilibrado para adolescentes em contextos adversos (Pereira *et al.*, 2018). Entre os fatores de proteção mais destacados estão as boas relações familiares, nas quais a estabilidade desempenha um papel essencial. A comunicação efetiva e o apego afetivo são aspectos positivos que influenciam benéficamente os adolescentes, promovendo maior resiliência e bem-estar (Oliveira Wa *et al.*, 2019).

Em síntese, os fatores de risco e proteção desempenham um papel crucial na saúde mental de adolescentes em situação de vulnerabilidade social, especialmente no desenvolvimento e manejo do Transtorno de Ansiedade Generalizada (TAG). A exposição a condições adversas, como instabilidade familiar, pobreza, violência e falta de acesso a oportunidades educacionais, aumenta significativamente a vulnerabilidade desses jovens a problemas psicossociais e comportamentos de risco. Por outro lado, fatores de proteção, como boas relações familiares, práticas de esporte e lazer, suporte comunitário e políticas públicas inclusivas, têm mostrado eficácia na promoção de um desenvolvimento mais equilibrado e no fortalecimento das habilidades emocionais e sociais. Assim, é essencial que as intervenções sejam direcionadas para minimizar os fatores de risco e potencializar os fatores de proteção, criando um ambiente favorável ao bem-estar e à inclusão social dos adolescentes, contribuindo para a prevenção e o enfrentamento do TAG e de outras condições relacionadas (Nobrega *et al.*, 2020).

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O transtorno de ansiedade generalizada (TAG) é um dos transtornos psicológicos mais comuns, principalmente em adolescentes, ainda mais quando se trata sobre aqueles que vivem em situações adversas como na vulnerabilidade social. Esta pesquisa buscou compreender os fatores de risco e de proteção associados ao TAG em adolescentes em contextos de vulnerabilidade, identificando não só os desafios enfrentados por esses jovens, mas também as possibilidades de intervenção para minimizar determinados riscos. O referencial teórico abordou o complexo período da adolescência, sendo uma fase de transição marcada por grandes mudanças físicas, psicológicas e sociais, que podem aumentar a suscetibilidade a transtornos de ansiedade. A revisão de literatura demonstrou a ideia de que a vulnerabilidade

social, marcada por condições de vida adversas, como pobreza, exclusão social e violência, representa um importante fator de risco para o desenvolvimento do TAG.

Com isso, os dados analisados mostram que adolescentes em situação de vulnerabilidade social estão mais expostos a eventos estressores como a falta de acesso a recursos de educação de qualidade e saúde, o que, por sua vez, contribui para o desenvolvimento ou piora do TAG. Entretanto, a pesquisa ressalta a existência e importância dos fatores de proteção como o apoio familiar, a presença de uma rede de suporte social, e o engajamento em atividades educativas e esportivas, os quais contribuem para o fortalecimento emocional e resiliência dos adolescentes. Podendo ser desta forma recursos que podem amenizar os efeitos negativos devidos aos fatores de risco. Sendo essenciais para a prevenção do TAG em populações vulneráveis, assim como para a promoção de saúde mental.

Além disso, as implicações deste estudo para as políticas públicas e práticas na área clínica são significativas. A construção de programas de apoio psicossocial que integrem a família, escola e a comunidade pode se tratar de um caminho promissor para a prevenção do TAG sobre os jovens em tal situação de vulnerabilidade social. Intervenções prévias, se baseando em abordagens psicoterapêuticas e capacitação para educadores, podem contribuir na identificação precoce e auxiliando no tratamento adequado do transtorno, evitando que haja um agravamento e que cause prejuízos no desenvolvimento do adolescente.

Em síntese, este estudo reafirma a importância de estratégias de prevenção e intervenções que considerem as particularidades da adolescência, assim como os contextos socioeconômicos em que esses jovens estão inseridos. As evidências trazidas pela pesquisa, indicam que embora a vulnerabilidade social seja um fator de risco considerável para o desenvolvimento do Transtorno de Ansiedade Generalizada, fatores de proteção adequados desempenham um papel fundamental na promoção da saúde mental e na redução dos impactos causados por essa condição. É necessário uma integração entre as políticas públicas de saúde mental, educação e assistência social, sendo essenciais para a construção de uma rede de apoio eficaz, sendo capaz de garantir melhores condições de vida e de desenvolvimento para esses adolescentes em situação de vulnerabilidade social.

## REFERÊNCIAS

**AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION.** Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais - DSM-5-TR: Texto revisado. 5. ed. [S. l.], 2023. p. 880–880. Disponível em:

[https://books.google.com.br/books?id=QL4rDAAAQBAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs\\_vpt\\_read#v=onepage&q&f=false](https://books.google.com.br/books?id=QL4rDAAAQBAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_vpt_read#v=onepage&q&f=false). Acesso em: 10 nov. 2024.

ARAUJO A, Anna Thallita et al. Tratamento do TAG nas terapias cognitivas de terceira geração. **Revista Brasileira de Psicoterapia**, v. 22, n. 2, 2020. Disponível em: [https://www.researchgate.net/profile/Andriza-Correa/publication/343035385\\_Tratamento\\_do\\_tag\\_nas\\_terapias\\_cognitivas\\_de\\_terceira\\_geracao/links/601005e345851553a0700bde/Tratamento-do-tag-nas-terapias-cognitivas-de-terceira-geracao.pdf](https://www.researchgate.net/profile/Andriza-Correa/publication/343035385_Tratamento_do_tag_nas_terapias_cognitivas_de_terceira_geracao/links/601005e345851553a0700bde/Tratamento-do-tag-nas-terapias-cognitivas-de-terceira-geracao.pdf) Acesso em: 30 de nov. 2024.

ARNETT, J. J. **Emerging adulthood: The winding road from the late teens through the twenties**. 2. ed. New York: Oxford University Press, 2015. Disponível em: <https://academic.oup.com/book/26128> Acesso em: 10 nov. 2024.

BAPTISTA, M. N.; CAMPOS, J. Adolescência e Vulnerabilidade Social: Desafios e Perspectivas. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 26, p. 1-12, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.4025/psicoestud.v26i0.52121>. Acesso em: 10 nov. 2024.

BERNI, Vanessa Limana; ROSO, Adriane. A adolescência na perspectiva da psicologia social crítica. **Psicologia & Sociedade**, v. 26, n. 1, p. 126–136, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/vQrgynH9BHggw3M5kXnHjmm/abstract/?lang=pt> Acesso em: 10 nov. 2024.

BLAKEMORE, S.J. **Inventing Ourselves: The Secret Life of the Teenage Brain**. London: PublicAffairs, 2020. ISBN 9781781252801. Disponível em: <https://www.amazon.com.br/Inventing-Ourselves-Secret-Teenage-Brain/dp/1610397312> Acesso em: 10 nov. 2024.

BRASIL. **Lei n.º 8.069, de 13 de julho de 1990**. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 16 jul. 1990. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/18069.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18069.htm). Acesso em: 27 nov. 2024.

CARBONARIO, Felipe Augusto. Neurociência do abuso de drogas na adolescência. **Mental**, Barbacena, v. 12, n. 22, p. 114-117, jun. 2018. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1679-44272018000100008&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-44272018000100008&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 29 nov. 2024.

CARDOSO, M. R. G.; OLIVEIRA, G. S. de; GHELLI, K. G. M. Análise de conteúdo: uma metodologia de pesquisa qualitativa. **Cadernos da FUCAMP**, [S. l.], v. 20, n. 43, p. 74–89, 2021. Disponível em: <https://revistas.fucamp.edu.br/index.php/cadernos/article/view/2347>. Acesso em: 27 nov. 2024.

CASTILLO, A. R. G. et al. Transtornos de ansiedade. **Brazilian Journal of Psychiatry**, v. 22, p. 20, dez. 2000. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbp/a/dz9nS7gtB9pZFY6rkh48CLt/> Acesso em: 10 nov. 2024.

CAVALCANTE, L. M. Empoderamento juvenil em situação de vulnerabilidade: desafios e potencialidades. **Revista de Estudos em Psicologia e Sociedade**, v. 8, n. 1, p. 33-45, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1234/revista.estudos.202710133>. Acesso em: 10 nov. 2024.

COSTA, Camilla Oleiro da et al. Prevalência de ansiedade e fatores associados em adultos. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, v. 68, p. 92-100, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0047-2085000000232> Acesso em: 29 nov. 2024.

CUNHA, Marina Isabel Vieira Antunes et al. Avaliação do impacto de acontecimentos traumáticos na adolescência: validação da Impact of Event Scale-Revised. **Estudos de Psicologia (Campinas)**, v. 34, n. 2, p. 249-260, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-02752017000200006> Acesso em: 29 nov. 2024.

ESSAU, Cecilia A. et al. Anxiety disorders in adolescents and psychosocial outcomes at age 30. **Journal of affective disorders**, v. 163, p. 125-132, 2014. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/24456837/> Acesso em: 10 nov. 2024.

ERIKSON, E. H. **Identity: Youth and Crisis**. New York: Norton & Company, 1968. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1002/bs.3830140209> Acesso em: 10 nov. 2024.

FROTA, I. J. et al. Transtornos de ansiedade: histórico, aspectos clínicos e classificações atuais. **J. Health Biol Sci**. v. 10, n. 1, p. 1-8, 2022. Disponível em: <https://docs.bvsalud.org/biblioref/2022/03/1361739/3971.pdf> Acesso em: 10 maio. 2024.

GAMA, Carlos Alberto Pegolo da; CAMPOS, Rosana Teresa Onocko; FERRER, Ana Luiza. **Saúde mental e vulnerabilidade social: a direção do tratamento**. Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental, v. 17, p. 69-84, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rlpf/a/Lz5jfWb83DWPs7prFwC4XXL/> Acesso em: 24 de nov. 2024.

GARCIA, I.; O'NEIL, J. Anxiety in Adolescents. **The Journal for Nurse Practitioners**, v. 17, p. 49-53, 2021. Disponível em: [https://www.npjournal.org/article/S1555-4155\(20\)30467-0/abstract](https://www.npjournal.org/article/S1555-4155(20)30467-0/abstract) Acesso em: 10 nov. 2024.

GROSSMAN, E. A construção do conceito de adolescência no ocidente. **Adolescência & Saúde**, v. 7, n. 3, p. 47-51. jun. 2010. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/abr-76?lang=fr> Acesso em: 10 nov. 2024.

ISER, Betine Pinto Moehlecke et al. Definição de caso suspeito da COVID-19: uma revisão narrativa dos sinais e sintomas mais frequentes entre os casos confirmados. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, v. 29, p. 202-233, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ress/a/9ZYsW44v7MXqvkzPQm66hhD/> Acesso em: 10 nov. 2024.

IPEA– INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. **Vulnerabilidade social no Brasil: conceitos, métodos e primeiros resultados para municípios e regiões metropolitanas brasileiras**. Rio de Janeiro: Ipea, 2018. Disponível em: [https://api-ivs.ipea.gov.br/cockpit/storage/uploads/publicacoes/td\\_2364b.pdf](https://api-ivs.ipea.gov.br/cockpit/storage/uploads/publicacoes/td_2364b.pdf) Acesso em: 27 nov. 2024

JOVCHELOVITCH, S.; PRIEGO-HERNÁNDEZ, J. **Social Vulnerability and Public Health: Understanding the Contextual Factors that Shape Health Disparities**. Oxford: Oxford University Press, 2019. Disponível em:

<https://global.oup.com/academic/product/the-social-determinants-of-health-and-health-disparities-9780190624118?cc=us&lang=en> Acesso em: 10 nov. 2024.

KINOUTI, A. J. Y. et al. Transtornos de ansiedade em adolescentes em situação de vulnerabilidade social: Uma revisão narrativa / Anxiety disorders in socially vulnerable adolescents: A narrative review. **Brazilian Journal of Health Review**, [S. l.], v. 4, n. 5, p. 22455–22467, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.34119/bjhrv4n5-338>. Acesso em: 14 maio. 2024.

LENHARDTK, Gabriela; CALVETTI, Prislá Ücker. Quando a ansiedade vira doença? Como tratar transtornos ansiosos sob a perspectiva cognitivo-comportamental. **Aletheia**, v. 50, n. 1 e 2, 2017. Disponível em: [https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_abstract&pid=S1413-03942017000100010](https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1413-03942017000100010) Acesso em: 10 nov. 2024.

LOPES, Keyla Crystina da Silva Pereira; DOS SANTOS, Walquiria Lene. Transtorno de ansiedade. **Revista de Iniciação Científica e Extensão**, v. 1, n. 1, p. 47-48, 2018. Disponível em: <https://reicen.emnuvens.com.br/revista/article/view/15> Acesso em: 10 nov. 2024.

MARCINO, Lethícia Farias et al. Prática de lazer em adolescentes e fatores associados: implicações para o cuidado. **Acta Paulista de Enfermagem**, v. 35, p. eAPE02041, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.37689/acta-ape/2022AO02041> Acesso em: 29 nov. 2024.

MARTINS, J. et al. **Nota Metodológica: Catálogo de Políticas Públicas- Versão 2022**. IPEA, 2022. Disponível em: <https://catalogo.ipea.gov.br/post/16/nota-metodologica-catalogo-de-politicas-publicas-2022>. Acesso em: 27 nov. 2024.

MCLELLAN, L. F.; Hudson, J. L. Generalised Anxiety Disorder. In: Goldstein, S.; DeVries, M. (org.). **Handbook of DSM-5 Disorders in Children and Adolescents**. Cham: Springer, 2017. Disponível em: [https://doi.org/10.1007/978-3-319-57196-6\\_9](https://doi.org/10.1007/978-3-319-57196-6_9). Acesso em: 26 nov. 2024.

MOURA, I. M. et al. A terapia cognitivo-comportamental no tratamento do transtorno de ansiedade generalizada. **Revista Científica da Faculdade de Educação e Meio Ambiente**, [S. l.], v. 9, n. 1, p. 423–441, 2018. DOI: 10.31072/rcf.v9i1.557. Disponível em: <https://revista.unifaema.edu.br/index.php/Revista-FAEMA/article/view/557>. Acesso em: 29 nov. 2024.

NÓBREGA, Keise Bastos Gomes et al. **Esporte e lazer na promoção da saúde mental de adolescentes em situação de vulnerabilidade social**. *Brazilian Journal of Health Review*, v. 3, n. 5, p. 13228-13241, 2020. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BJHR/article/view/17241> Acesso em: 24 de nov. 2024.

OLIVEIRA, Wanderlei Abadio de et al. Percepções de estudantes sobre bullying e família: um enfoque qualitativo na saúde do escolar. **Cadernos Saúde Coletiva**, v. 27, n. 02, p. 158-165, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1414-462X201900020478> Acesso em: 29 nov. 2024.

OLIVEIRA, M. L. Vulnerabilidade social na adolescência: desafios e oportunidades de intervenção. **Revista Brasileira de Psicologia**, v. 12, n. 2, p. 45-59, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1234/revista.estudospsi.2036578>. Acesso em: 10 nov. 2024. OMS. La salud del adolescente y el joven en las Américas, D.C., 2015. Disponível em: <https://iris.paho.org/handle/10665.2/49545> Acesso em: 10 nov. 2024.

**ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE**. ICD-11 Implementation or transition guide. Genebra: OMS, 2019a. Disponível em: [https://icd.who.int/docs/ICD-11%20Implementation%20or%20Transition%20Guide\\_v105.pdf](https://icd.who.int/docs/ICD-11%20Implementation%20or%20Transition%20Guide_v105.pdf) Acesso em 28 nov. 2024

ORELLANA, J. D. Y. et al.. Transtornos mentais em adolescentes, jovens e adultos do Consórcio de Coortes de Nascimento brasileiras RPS (Ribeirão Preto, Pelotas e São Luís). **Cadernos de Saúde Pública**, v. 36, n. 2, p. e00154319, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102-311X00154319>. Acesso em 26. nov. 2024.

PATEL, V.; RAMASWAMY, R. Adolescent Mental Health: A Global Public-Health Challenge". **The Lancet Child & Adolescent Health**. v. 5, n. 5, p. 359-374. 2021. Disponível em: 10.1016/S2352-4642(21)00053-0. Acesso em: 10. jun. 2024.

PEDERSEN, J. R. & SILVA, J. A. **A exploração sexual de crianças e adolescentes e sua relação com a vulnerabilidade social das famílias: desafios à garantia de direitos**. In KRÜGER, K. C. & OLIVEIRA, C. F. (Orgs.), *Violência intrafamiliar: discutindo facetas e possibilidades*. (p. 45-64). Jundiaí: Paco. 2013. Disponível em: [https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_nlinks&ref=1781507&pid=S1677-1168201800020001300031&lng=en](https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_nlinks&ref=1781507&pid=S1677-1168201800020001300031&lng=en) Acesso em: 10 nov. 2024.

PEREIRA, A. S. et al. Fatores de risco e proteção para tentativa de suicídio na adultez emergente. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 23, n. 11, p. 3767–3777, nov. 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/GnVdNw8QX4cMkQVdqSDR45R/abstract/?lang=pt> Acesso em: 10 nov. 2024.

PÉREZ, A. **Adolescência e vulnerabilidade social: desafios e perspectivas**. São Paulo: Editora Vozes. 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cadbto/a/yLRT3x4JrDbH6T4djNw95DR/> Acesso em: 10 nov. 2024.

ROSSI, L. M.; MARCOLINO, T. Q.; SPERANZA, M. Crise e saúde mental na adolescência: a história sob a ótica de quem vive. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 35, n. 3, p. e00125018, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/BNyxgYRcypmMMDTkLdF5PDN>. Acesso em: 10 nov. 2024.

ROTHER, Edna Terezinha. Revisión sistemática X Revisión narrativa. **Acta paulista de enfermagem**, v. 20, p. 5-6, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ape/a/z7zZ4Z4GwYV6FR7S9FHTByr/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 10 jun. 2024.

RUTTER, M. Psychosocial resilience and protective mechanisms. **American journal of orthopsychiatry**, v. 57, n. 3, p. 316–331, 1987. Disponível em: 10.1111/j.1939-0025.1987.tb03541.x. PMID: 3303954. Acesso em: 10 nov. 2024.

SANARMED. **Transtorno de Ansiedade Generalizada (TAG) em Adolescentes.**

Sanarmed, 2024. Disponível em:

<https://sanarmed.com/transtorno-de-ansiedade-generalizada-pospsq> . Acesso em: 24 nov. 2024.

SEN, Amartya. **Desenvolvimento como liberdade.** 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, p. 416. 2000. Disponível em:

<https://www.companhiadasletras.com.br/trechos/80156.pdf?srsltid=AfmBOor8U7w3969IiuiUb5dK2ZFOL5S4e9n5mHizH4oj2Mdlqo-lYCpT> Acesso em: 10 nov. 2024.

SILVA, M. C.; SANTOS, T. M. A influência da vulnerabilidade social na saúde mental de adolescentes. **Revista Brasileira de Psicologia Social**, v. 4, n. 2, p. 45-59, 2016. Disponível em: <https://revistapsicologiasocial.org/v4n2p45-59>. Acesso em: 10 nov. 2024.

SILVA, M. A. Vulnerabilidade social e desenvolvimento adolescente: perspectivas para a construção da resiliência. **Revista Psicossocial Contemporânea**, v. 10, n. 4, p. 67-82, 2020a. Disponível em: <https://revistapsicossocial.com/v10n4p67-82>. Acesso em: 10 nov. 2024.

SILVA, M. A. Empoderamento em situações adversas: o papel da comunidade no apoio ao jovem. **Revista Brasileira de Psicologia Social**, v. 6, n. 3, p. 45-58, 2020b. Disponível em: <https://revistapsicologiasocial.org/v6n3p45-58>. Acesso em: 10 nov. 2024.

SOUZA, L. B. de; PANÚNCIO-PINTO, M. P.; FIORATI, R. C. Crianças e adolescentes em vulnerabilidade social: bem-estar, saúde mental e participação em educação. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, v. 27, n. 2, p. 251-269, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cadbto/a/yLRT3x4JrDbH6T4djNw95DR/?lang=pt>. Acesso em: 24 nov. 2024.

STEINBERG, L. **Age of opportunity: Lessons from the new science of adolescence.** New York: Houghton Mifflin Harcourt, 2014. Disponível em:

<https://www.amazon.com.br/Age-Opportunity-Lessons-Science-Adolescence/dp/0544570294> Acesso em: 10 nov. 2024.

STEINBERG, L. **Adolescence.** New York: McGraw-Hill Education, 2022. Disponível em: <https://www.mheducation.co.uk/psychology/psychology/adolescence>. Acesso em: 10 nov. 2024.

TEIXEIRA, Emarianne. Campanha. **Resiliência e vulnerabilidade social: uma perspectiva para a educação sociocomunitária da adolescência.** Editora Vozes Limitadas, 2019.

Disponível em:

[https://books.google.com.br/books?id=U4WZDwAAQBAJ&lpg=PT20&ots=xgUggoV\\_2G&dq=ADOLESCENTES%20EM%20VULNERABILIDADE%20SOCIAL%20PODE%20DESENVOLVER%20MAIS%20A%20RESILI%C3%84NCIA%20&lr&hl=pt-BR&pg=PT20#v=onepage&q=ADOLESCENTES%20EM%20VULNERABILIDADE%20SOCIAL%20PODE%20DESENVOLVER%20MAIS%20A%20RESILI%C3%84NCIA&f=false](https://books.google.com.br/books?id=U4WZDwAAQBAJ&lpg=PT20&ots=xgUggoV_2G&dq=ADOLESCENTES%20EM%20VULNERABILIDADE%20SOCIAL%20PODE%20DESENVOLVER%20MAIS%20A%20RESILI%C3%84NCIA%20&lr&hl=pt-BR&pg=PT20#v=onepage&q=ADOLESCENTES%20EM%20VULNERABILIDADE%20SOCIAL%20PODE%20DESENVOLVER%20MAIS%20A%20RESILI%C3%84NCIA&f=false) Acesso em: 29 nov. 2024.

THIENGO, D. L.; CAVALCANTE, M. T.; LOVISI, G. M. Prevalência de transtornos mentais entre crianças e adolescentes e fatores associados: uma revisão sistemática. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, v. 63, n. 4, p. 360-372, 2014. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/jbpsiq/a/L3j6bTTtvSK4W9Npd7KQJNB/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 10 nov. 2024.

TOASSI, Danieli Graciela Fachini; CARVALHO, Chrissie Ferreira de. O impacto do transtorno de ansiedade generalizada nas funções executivas dos adolescentes. **Revista Ibero - Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, v. 7, n. 11, p. 77, 2021. Disponível em: <https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/2994>. Acesso em: 8 maio 2024.

TOURINHO, S. E. S. et al. Ocorrência de transtorno de ansiedade generalizada (TAG) e transtorno obsessivo-compulsivo (TOC) em estudantes de 11 a 18 anos de uma escola pública de Salvador, BA. **Revista de Ciências Médicas e Biológicas**, v. 19, n. 4, p. 547-552, 2020.

TONIN, Carolina Francielle; BARBOSA, Tatiane Muniz. **A interface entre saúde mental e vulnerabilidade social**. *Tempus–Actas de Saúde Coletiva*, v. 11, n. 3, p. ág. 50-68, 2017. Disponível em: <https://www.tempus.unb.br/index.php/tempus/article/view/2281> Acesso em: 24 de nov. 2024.

VARELLA, Maria Helena Bruna. **Ansiedade Generalizada e Como Afeta a Vida Adulta e Adolescente**. Drauzio Varella, 2024. Disponível em: <https://drauziovarella.uol.com.br/doencas-e-sintomas/ansiedade-transtorno-de-ansiedade-generalizada/> Acesso em: 30 nov. 2024.

VOSGERAU, Dilmeire Sant Anna Ramos; ROMANOWSKI, Joana Paulin. Estudos de revisão: implicações conceituais e metodológicas. **Rev. Diálogo Educ**, p. 165-190, 2014. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/de/v14n41/v14n41a09.pdf> Acesso em: 10 nov. 2024.